

Contra a cultura do silêncio médico

LENEIDE DUARTE

“Se você estivesse com câncer, gostaria de que o médico o informasse”? Essa pergunta foi feita pela psiquiatra e psicanalista Therezinha Penna a mil pessoas, entre as quais cem médicos. No primeiro grupo de 500 pessoas que buscavam atendimento

ambulatorial no Hospital dos Servidores do Estado, 83% disseram que gostariam de ser informadas pelo médico, por diversas razões: para proteger a família; para vender um bem; para organizar melhor a vida; para mudar para uma cidade com melhor qualidade de vida; para ter mais lazer. E entre os próprios médicos entrevistados, 81% gostariam de ser informa-

dos de um possível diagnóstico de câncer para poder organizar a vida, segundo a maioria.

Apesar destes dados, a pesquisa, feita durante quatro anos e concluída este mês, revela que a situação atual é de omissão de diagnóstico ou de ambigüidade, quando se trata de informar o doente sobre um câncer. A pesquisa ainda constata que pa-

cientes mal informados retardam o tratamento. Os bem informados, ao contrário, aceleram a busca da cura.

— Com que direito os médicos tiram do paciente o direito de organizar sua vida? — pergunta a médica que quer suscitar o debate em torno do tema e transformar a atual cultura do silêncio que impera no Brasil.

O GLOBO — O que é sua pesquisa?

DRA. THEREZINHA PENNA — É um trabalho iniciado há quatro anos no Hospital dos Servidores do Estado e terminado no Hospital de Oncologia, uma unidade do Instituto Nacional do Câncer. Eu era chefe da psiquiatria hospitalar do HSE e como trato de pacientes com doenças graves percebi que os médicos não usam de clareza quando o diagnóstico é de câncer. E o câncer tem cura. Já o paciente de Aids é sempre informado de sua doença e é importante lembrar que a Aids, até o momento, não tem cura.

O GLOBO — Por que isso ocorre?

DRA. THEREZINHA — Pode se explicar até certo ponto pelo fato de que o câncer tinha uma carga de doença fatal, uma morte terrível. E ela não é uma doença fatal necessariamente. Mas do ponto de vista do médico, ele acha que está protegendo o paciente, que se ele souber da verdade pode se desesperar, tentar se matar. Isso tudo é uma tradição da cultura médica brasileira porque o Código de Ética médica diz que é permitido sonegar a informação sobre a doença e sobre o procedimento se esta for considerada pelo médico como potencialmente danosa ao paciente. Ele ficaria na obrigação, contudo, de informar a família do doente.

O GLOBO — Como a pesquisa pode ser útil?

THEREZINHA — A pesquisa mostra que, atualmente, o sistema de saúde está tão deficiente que se as pessoas precisam recorrer a hospitais públicos universitários se deparam com poucos médicos para o atendimento e filas de espera para os exames. E se o médico não informar ao paciente que aquilo pode ser um

“O câncer não é sempre uma doença fatal”

“O paciente que sabe vai lutar pela sua cura”

“Com que direito o médico nega a verdade ao doente?”

câncer ou um tumor maligno, o paciente pode se acomodar diante das dificuldades. Enquanto que o paciente informado vai lutar contra essas adversidades para iniciar seu tratamento.

O GLOBO — Como foi feita a pesquisa?

DRA. THEREZINHA — Entrevistei mil pessoas. Quinhentas que buscavam inscrição num ambulatório geral de média e baixa renda (HSE), em busca de um atendimento ambulatorial. Entrevistei outros 200 pacientes internados por doenças diversas, além de 100 médicos do Hospital dos Servidores do Estado e 200 pacientes do Hospital de Oncologia. Na primeira parte, aos 500 primeiros, eu perguntava: “se você estivesse com câncer, gostaria de ser informado?” 83%



responderam sim. Eu perguntei: “Por quê?” Todos tinham um ou mais motivos, mas todos diziam: “Porque eu tenho o direito de saber a verdade; porque eu não quero ser enganado; porque o corpo é meu.” Eu acho que as pessoas estão cansadas de ser enganadas.

O GLOBO — Por que os médicos omitem o diagnóstico verdadeiro?

DRA. THEREZINHA — Dar ou não o diagnóstico é uma questão cultural. Nos Estados Unidos, o paciente tem que ser informado de qualquer diagnóstico. Antigamente, os pacientes deixavam o ônus do tratamento com o médico. Era uma questão de confiança. Mas a confiança, de uma maneira geral, em figuras de auto-

ridade, está totalmente abalada aqui no Brasil. As pessoas estão aprendendo que se não forem bem informadas estão se prejudicando. Ao usar termos ambíguos com o paciente ou omitir a verdade, o médico está se outorgando o poder de decidir o que ele acha que é o melhor para o paciente. Mas só quem sabe o que é melhor é o próprio paciente.

O GLOBO — Quais foram as respostas mais frequentes para justificar a vontade de saber o diagnóstico?

DRA. THEREZINHA — “Para proteger minha família” era uma das respostas mais frequentes. Pais querem saber se vendem um bem. Dizem que querem organizar a vida, mudar para uma cidade menor, ter melhor

qualidade de vida. Ao negar o diagnóstico, os médicos estão tirando o direito do paciente organizar sua vida. Com que direito um médico vai supor que está defendendo o paciente tirando dele as possibilidades de decisão sobre sua própria vida?

O GLOBO — E os médicos? O que responderam quando indagados se queriam saber se estivessem com câncer?

DRA. THEREZINHA — Colocada a questão para os médicos, 81% responderam que sim, que gostariam de saber, caso fossem pacientes. A razão preponderante era “para poder organizar a vida”.

O GLOBO — É possível mudar a mentalidade médica?

DRA. THEREZINHA — Foi por isso que eu fiz a pesquisa. Quan-

do falamos que é uma questão cultural não estamos sendo precisos. Existem diversas culturas no Brasil, a do Nordeste, a das cidades grandes, a das cidades pequenas etc. Mas a cultura dos médicos é mais uniforme, eles lêem os mesmos livros, fazem os mesmos cursos, frequentam os mesmos congressos. A cultura deles é que julga que é melhor não informar porque quando informa é óbvio que o paciente vai se desesperar, vai ficar muito mal. Mas a pesquisa mostra que, após o segundo mês, eles voltam à qualidade de vida anterior, do ponto de vista emocional. O médico está julgando apenas a primeira reação e por ela quer julgar toda a vida do paciente.

O GLOBO — Mas será que é sempre bom dizer ao paciente? E os que preferem não saber?

DRA. THEREZINHA — Mesmo entre as pessoas que sabem que têm câncer, 90% acham que o médico deve dizer a verdade. Há uma pequena percentagem que não quer saber. Estes esquecem o que o médico disse por mecanismos psicológicos. Eles bloqueiam e transformam a informação. O que não se pode fazer é generalizar uma conduta que é vontade de uma minoria (não saber) para uma maioria que quer saber.

O GLOBO — Quando isso poderá mudar no Brasil?

DRA. THEREZINHA — Quando os pacientes deixarem de ver como usuários dos sistemas de saúde e passarem a se sentir como consumidores do direito à saúde. Quando a relação com o médico deixar de ser tão desigual. O paciente deve sempre pedir um diagnóstico ou hipótese de diagnóstico por escrito.